

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

CAIO LIUDVIK CARAMICO SOARES

ENTRE FREUD E A PSICOLOGIA POSITIVA –

A psicanálise humanista de Erich Fromm

Escrever este artigo para o CEP está longe de ser apenas uma obrigação burocrática de todo aluno do curso de formação em psicanálise. É sim um momento existencialmente importante, ao me instigar a uma espécie de "ab-reação" de afetos, aflições e descobertas que têm marcado estes meses.

Desde dezembro me encontrei, ou melhor, me "extraviei", num caminho de crescente resistência à psicanálise. Não lhe negando a genialidade do inventor, mas vendo-a mais, na melhor das hipóteses, numa perspectiva de sabedoria ou, como diria Luc Ferry, de uma "soteriologia profana". Na hipótese intermediária, como grande literatura, mas nada mais que isso, segundo Harold Blomm. E, na pior, como a doutrina sem credibilidade segundo as críticas tão frequentes de psiquiatras e terapeutas cognitivo-comportamentais.

Tratando porém da melhor dessas hipóteses, cabe esclarecer que soteriologia, termo clássico da sociologia de Max Weber, é a doutrina da "salvação", constructo típico de religiões que apontam o caminho para a cessação do sofrimento (budismo) ou redenção da alma após a morte (cristianismo, islamismo, etc.). Mas esse já seria um nível "secundário" do desejo soteriológico mais fundamental, e constitutivo também das filosofias seculares: esse desejo é o de transcender a angústia da finitude, que pessoalmente considero muito mais premente do que o "medo da castração" tal como dito e repetido pelos professores freudianos e lacanianos.

Aqui adentro o âmago de meu mal-estar com a condição de aluno de um curso longo, custoso (em todos os sentidos) e que nem sei se virei futuramente a converter em

nova profissão, ao lado de minhas insígnias de cientista social, jornalista, doutor em filosofia, tradutor. Entre castração (no sentido sexista da palavra) e finitude, minha experiência concreta de vida aponta muito mais para o segundo conceito, que nem é bem mero conceito, mas drama de cada dia, por sermos conscientes de nossa mortalidade e a "vivermos" a cada pequena e grande morte que a vida vai nos impondo (perdas em geral, doenças, traumas, necessidade de escolhas unilaterais, etc.). É tão forte meu enfrentamento subjetivo com esse nível da realidade que o meu atual pós-doutoramento na USP está voltado para o que tenho chamado de "filosofia da morte", seja no ângulo das doutrinas existencialistas de onde parto, seja em facetas da experiência humana cotidiana – o recente episódio de Angelina Jolie e a extração de seus míticos seios me respalda a obsessão de pensar filosoficamente o câncer, esforço que ainda não tem um nome bem azeitado como "psico-oncologia", mas que me impacta pela proximidade verbal com o termo ontologia, que tanto me serviu ao longo de páginas áridas sobre os sistemas de pensamento de um Sartre ou um Heidegger acerca da situação ontológica do ser humano.

Além do mais, me sinto perigosamente tentado por correntes de pensamento que, por vezes calcadas na psicologia de Jung, na psicologia do ego norte-americana ou, em diapasão mais "francês", numa analítica existencial e fenomenológica, não compartimentam a pessoa humana global em id, ego e superego, não a metematizam em grafos do desejo e quejandos. Apontam no ser que cada indivíduo é, em suas forças, desesperos, ilusões, a resposta que cada vida individual dá e "é" para o humano universal e sua crise da descoberta da finitude. São correntes que têm sido agrupadas sob o nome de "psicologia positiva", da qual falo num texto recente em meu blog pessoal (<http://unzuhause77.blogspot.com.br/2013/04/manifesto-da-psicologia-positiva.html>).

Superficialmente explicada, trata-se de uma busca pelo que é saudável (positivo nesse sentido) no ser humano, em suas potencialidades, capacidades, e não apenas debilidades, estruturas psicopatológicas e tropeços com os furos do Real. Sem recair numa tola "onipotência de pensamentos" da magia neurótica, sempre tive um "fraco" – a ser convertido em força de vivência – pelas tradições ocultistas, esotéricas, que falam na importância da mente para a vida, a capacidade da mente de fazer de um inferno céu, ou do céu um inferno, para lembrar a célebre expressão do poeta de *Paraíso Perdido*. Que a magia não se reduz para Freud a sinônimo de infantilismo, eu pude comprovar num outro

texto de meu blog, escrito seis anos atrás, e sintomaticamente intitulado de "O bruxo de Viena" (<http://unzuhause77.blogspot.com.br/2007/12/o-bruxo-de-viena.html>).

Em escala individual, esses movimentos conceituais redundaram em um crescente questionamento de minha análise pessoal (lacaniana) que completa seu sétimo ano consecutivo em 2013. Para minha perplexidade, uma das minhas metas fundamentais, das quais eu apenas "falava" em análise – retomar o cuidado com a aparência física, me livrar da barba, do cabelo e do peso excessivos –, eu vim a colocar em prática a partir das férias do analista. Quem me "analisou" nesses meses cruciais de libertação da auto-imagem narcísica antes destruída foram os mestres do *coaching*, desenvolvimento pessoal, administração de empresas, etc. E, simbolicamente, o hollywoodiano "O Lado Bom da Vida", premiado com Oscar de melhor atriz, filme em que a crítica à medicalização contemporânea da alma vai de par com uma clara apologia de princípios terapêuticos da psicologia positiva, tão forte nos EUA e tão característica do que tenho chamado de religião do otimismo individualista no espírito norte-americano.

Um estudo sério dessa tradição de pensamento nos levaria – e é essa minha intenção, *Deo concedente* ("se Deus quiser", na linguagem alquimista muito utilizada por Jung) – a um percurso de William James, pai da psicologia americana e não por acaso um expoente do pragmatismo até a mal-afamada auto-ajuda contemporânea, passando por fenômenos como a recepção norte-americana das ideias freudianas na edificação da psicologia do ego.

Todo este preâmbulo para contextualizar a opção que me "salvou" o semestre de estudos e aponta caminhos para o sonho de ser psicanalista não morrer na praia do ressentimento estéril, que de resto não faria justiça a tudo que me liga positivamente a Freud, Klein, Winnicott e à causa psicanalítica em sua marca de revolução enquanto terapêutica individual e forma de crítica cultural.

A opção foi retomar meu diálogo com o psicanalista alemão, depois emigrado para os EUA, Erich Fromm (1900-1980). Conhecia parte de sua obra desde meus tempos de graduação na FFLCH-USP, citado como costumava ser como um dos expoentes da Escola de Frankfurt. Ele não só incorporou – como Adorno ou Benjamin – elementos do freudismo à crítica social, mas se fez psicanalista para, no cotidiano da clínica, ver de perto as mazelas

para a vida individual de uma sociedade pautada pelo materialismo, egoísmo, alienação do homem perante si mesmo, os outros e a natureza.

Entre as tensões de Freud e Jung, com tudo o que isso implica de clivagem e unidade do pensamento moderno crucificado entre o sagrado e o profano, Erich Fromm se me aparece como um caminho do meio ideal. Assim também para a minha retomada das ciências sociais e da filosofia humanista-existencial nesse trecho da rota em que a "derrota" narcísica de fazer 40 anos de idade, e de me sentir velho, e de ter cada vez menos tempo, sobretudo tempo a perder com bobagens, viram placa de trânsito perigosamente próxima.

O trecho a seguir ilustra algo das muitas razões de meu afeto por Fromm. De quebra, insinuam um contraste absoluto: por um lado, sua célebre psicanálise humanista, no espírito frankfurtiano de crítica social e com um otimismo religioso bem norte-americano da autorrealização positiva do indivíduo; por outro lado, o pessimismo e derrotismo que a ideia de falta, um certo "faltismo" pós-moderno, viriam a tomar por exemplo em Lacan.

"O nascimento não é um ato; é um processo. A meta da vida é nascer plenamente, embora sua tragédia consista em que a maioria dos homens morre antes de haver nascido assim. Viver é nascer a cada minuto. A morte ocorre quando cessa o nascimento; psicologicamente, porém, a maioria dentre nós cessa de nascer num determinado ponto. Alguns são totalmente natimortos; continuam a viver fisiologicamente, mas mentalmente anseiam regressar ao ventre, à terra, à treva; à morte; são loucos, quase. Muitos outros seguem mais adiante no caminho da vida. Entretanto, por assim dizer, não conseguem cortar de todo o cordão umbilical; continuam simbioticamente apegados à mãe, ao pai, à família, à raça, ao Estado, ao *status*, ao dinheiro, aos deuses, etc.; jamais surgem completos, como eles mesmos e, assim, jamais nascem plenamente" (Erich Fromm, "Psicanálise e Zen-Budismo", in: Fromm, E. et al., *Zen-Budismo e Psicanálise*. Trad. Octavio Mendes Cajado. S. Paulo: Cultrix, s/d; p. 103-4).

O presente trabalho nasceu da amálgama das inquietações pessoais que mencionei e da leitura entusiasmada desse artigo de Fromm. Além de rico testemunho do impacto, em meados do século XX, de ideias orientalistas sobre o mundo ocidental, Fromm, ao evocar o zen-budismo como termo de comparação, se volta para a própria psicanálise com *insights* interessantíssimos sobre o significado, o alcance, o poder das ideias de Freud e a continuidade delas na psicanálise humanística formulada pelo próprio Fromm. É destes

insights que iremos tratar mais especificamente, deixando para outro momento o estudo da compreensão frommiana do zen. Meu interesse para os próximos trabalhos semestrais, contudo, será aprofundar o estudo da psicanálise de Fromm em seus próprios termos, a partir de livros fundamentais, como *O Medo à Liberdade*, e sempre em confronto e diálogo com a psicanálise freudiana de onde Fromm partiu e com a qual nunca rompeu a ponto de não poder mais, como Jung, ser designado sequer como psicanalista.

PSICANÁLISE E ZEN-BUDISMO

"A Psicanálise é tão requintadamente ocidental quanto o Zen é oriental; nasceu do humanismo e do racionalismo ocidentais e da busca romântica, no século XIX, das forças obscuras que escapam ao racionalismo. Muito mais anteriores, a sabedoria grega e a ética hebraica são os padrinhos espirituais desse enfoque científico-terapêutico do homem" (op. cit. p. 92)

A Psicanálise é um método que se pretende científico e essencialmente não-religioso, enquanto que o Zen, calcado na busca da "iluminação" espiritual, corresponde a um tipo de experiência que o Ocidente rotularia de "mística" e não científica. Apesar disso, "existe entre os psicanalistas um interesse indisfarçável e cada vez maior pelo Zen-Budismo" (p. 93; nota 1)

Fromm vê sua "psicanálise humanística", ou humanista, como um desdobramento da psicanálise freudiana (p. 93). E a ciência de Freud, segundo ele, é a um só tempo sintoma e resposta para a crise espiritual do Ocidente: embotamento da vida, a automatização do homem, seu alheamento de si mesmo, do seu semelhante e da natureza. O homem seguiu o racionalismo até o ponto em que o racionalismo se transformou em completa irracionalidade" (p. 93; compare com Escola de Frankfurt e a Dialética do Esclarecimento).

"Desde Descartes, o homem vem separando sempre mais o pensamento do afeto; só o pensamento se considera racional – o afeto, pela própria natureza, irracional; pessoa, eu, foi decomposta num intelecto, que constitui o meu ser, e que deve controlar-me a mim como deve controlar a natureza. O domínio da natureza pelo intelecto e a produção de mais e mais coisas se tornaram as metas supremas da vida. Nesse processo, o homem se

converteu num coisa, a vida ficou subordinada à propriedade, o 'ser' é dominado pelo 'haver'" (p. 94)

Prosseguindo seu diagnóstico da cultura ocidental num século de duas guerras mundiais, barbárie nazi-fascista com métodos tecnocientíficos de última geração, e democracia reduzida a um circo de consumo, Fromm afirma: "O homem ocidental se acha num estado de incapacidade esquizóide de experimentar afeto e por isso se sente ansioso, deprimido, desesperado. Ainda exalta, da boca para fora, os objetivos de felicidade, individualismo, iniciativa – mas, na realidade, não tem objetivo algum. (...) ninguém sabe para que está vivendo; não tem alvo, a não ser o desejo de escapar à insegurança e à solidão" (p. 95), pelas vias inautênticas do conformismo gregário que mal sufoca na alma a profunda insegurança e desespero. Em chave filosófica, o consultório do analista ofereceria o microscópio clínico para o exame das patologias decorrentes do processo macrocultural da morte de Deus, diagnosticada por Nietzsche na virada do século XIX para o XX (p. 95).

Fromm porém não faz o jogo do pensamento reacionário que gostaria de erradicar a memória desse luto e fingir que nada aconteceu, nos levando de volta para a Igreja. Há uma beleza e uma justiça no deicídio. "O abandono das ideias teístas no século XIX – visto de certo ângulo – não foi pequena façanha. O homem deu um grande mergulho na objetividade. A terra deixou de ser o centro do universo; o homem perdeu seu papel central de criatura destinada por Deus a dominar todas as outras criaturas. Estudando as motivações ocultas do homem com nova objetividade, Freud reconheceu que a fé num Deus todo-poderoso, onisciente, tinha suas raízes no desamparo da existência humana e na tentativa do homem de enfrentar esse desamparo por meio da crença num pai e numa mãe capazes de ajudá-lo, representados por Deus no céu. Viu que só o homem pode salvar-se a si, que os ensinamentos dos grandes mestres, a ajuda amorosa dos pais, dos amigos e das pessoas amadas (...) só podem ajudá-lo a ousar aceitar o desafio da existência e reagir a ele com toda a sua força e de todo o seu coração" (p. 95). Isso abre espaço para um fecundo diálogo entre a psicanálise segundo Fromm e as soteriologias profanas exaltadas por Luc Ferry em *Aprender a Viver*

O autor de *Ser e Ter*, libelo contra a degradação da profundidade ontológico do homem em prol do individualismo possessivo do ego, prossegue neste aceno ainda assim elogioso à coragem do homem moderno (e freudiano) que renuncia à ilusão (realização

alucinatória do desejo) da religião. "O homem renunciou à ilusão de um Deus paternal como ajudador paterno – mas renunciou também aos verdadeiros objetivos de todas as grandes religiões humanísticas [humanismo, para Fromm, é uma marca de pensamentos laicos e/ou religiosos, o critério distintivo que conta não é tanto a crença em Deus, em vida após a morte etc., mas o compromisso ou não com a autorrealização humana]: superar as limitações do eu egoísta, alcançar o amor, a objetividade e a humildade e respeitar a vida de modo que a finalidade da vida seja o próprio viver, e o homem se torne o que potencialmente é. Tais eram as metas das grandes religiões ocidentais, como eram as metas das grandes religiões orientais" (p. 95). No caso do zen, sem a referência heterônoma a um Pai divino superprotetor e exigente, ausência que, embora vazada numa espiritualidade da imanência, fala mais de perto que nossa velha tradição religiosa judaico-cristã ao homem cientificizado e materialista dos tempos modernos.

Uma possível vantagem comparativa e razão de prestígio do budismo ou do taoísmo é prescindirem, em seu projeto de espiritualidade, da dependência de um "pai-salvador"; a iluminação é tarefa eminentemente e pessoal, embora não prescindida de vínculos estritos com uma comunidade de fé ou ao menos com um "guru".

Aparentemente, o que Freud inventou foi um método de tratamento de doenças da alma. Mas de fato, sua intenção e proeza, talvez não de todo conscientes para o próprio fundador da psicanálise [mas que serão levados às últimas consequências na vertente humanística de Fromm (p. 100, 102)], são uma rota de "salvação" que articula paradoxal e genialmente o racionalismo e o romantismo em Freud (p. 97). Racionalismo de metas como a obra civilizatória de transformar o que era Id em Ego, desrecalcar o inconsciente. E romantismo na visão mesma do inconsciente como recôndito misterioso, profundidade abissal, noite escura da alma inacessível a meras ficções de ordenamento moral e intelectual. A "mística" romântica aqui envolvida é segundo Fromm o caminho mais fecundo para uma aproximação das ideias de Freud – a valorização teórica do inconsciente e seu corolário técnico da associação livre – com o iconoclástico abandono pelo sábio zen do falatório metafísico ou banal presidido pelo intelecto lógico (p. 98).

O bem-estar (que se converteria em meta básica na psicologia positiva contemporânea) é entendido por Fromm como concordância do indivíduo com sua natureza mais profunda, não só em termos de suas pulsões, no que compatíveis com a sobrevivência

na e da civilização, mas também do que, segundo o analista, é o universalismo da natureza humana em si, seus imperativos de pão, liberdade e amor. "Bem-estar é o estado de quem chegou ao pleno desenvolvimento da razão: razão no sentido não de um julgamento meramente intelectual, mas de apreender a verdade pelo método de 'deixar que as coisas sejam' (para empregar a expressão de Hiedegger) como são" (p. 107). A ponte é visível com o conceito junguiano de individuação, processo terapêutico em que o indivíduo, atravessando o itinerário da persona (máscaras sociais do indivíduo) ao Self, se reconcilia com sua totalidade psíquico-corporal antes cindida, e passa a poder vivenciar, sem as repressões e unilateralismo de outrora, a experiência humana de modos existencialmente autênticos e moralmente meritórios (na escala universalista pregada pelas religiões e filosofias humanistas de todos os tempos).

A ênfase na dimensão ética como não reduzida meramente a opressão civilizatória contra nossa natureza animal não implica, porém, esquecimento ingênuo das mazelas psicopatológicas. É um ponto de vista para repensá-las. O adoecimento da alma chamado de neurose ou psicose poderia, segundo Fromm, ser articulado como resposta distorcida, mais ou menos comprometedora da sanidade pessoal e coletiva, ao "problema da existência", isto é, ao problema de não apenas ser, mas ser o que não se é e não ser o que se é (Sartre):

"A tentativa regressiva de responder ao problema da existência pode assumir diferentes formas; o que é comum a todas elas é que todas necessariamente malogram e levam ao sofrimento. Depois que o homem é arrancado à pré-humana, paradisíaca, unidade com a natureza, nunca mais poderá voltar ao ponto de partida; dois anjos de espadas ígneas lhe impedem o regresso. Sá na morte ou na loucura será possível realizar-se a volta – nunca na vida e na sanidade mental" (p. 105) [releitura do mito bíblico do pecado original; possível releitura para o "mito" freudiano da pulsão de morte].

"As diferenças entre os vários anseios [regressivos] assinalam as diferenças entre as várias espécies de personalidade. Aquele que permanece preso ao seio da mãe é o bebê eternamente dependente, que experimenta um sentimento de euforia ao ser amado, cuidado, protegido e admirado, e se sente presa de insuportável ansiedade quando ameaçado de separação da mãe extremosíssima. Aquele que permanece ligado ao domínio do pai poderá desenvolver muita iniciativa e atividade, mas sempre com a condição de estar presente uma

autoridade que dê ordens, que louve e castigue. Outra forma de orientação regressiva está na capacidade de destruição, no anseio de superar o isolamento pela paixão de destruir tudo e todos. Pode-se buscá-la pelo desejo de devorar e incorporar tudo e todos, isto é, experimentando o mundo e quanto há nele como alimento, ou pela completa destruição de tudo, exceto de uma coisa – a própria pessoa. Outra forma de tentar mitigar as dores do isolamento consiste em desenvolver o próprio Ego como uma 'coisa' separada, fortificada, indestrutível. A pessoa se sente, então, como se fosse propriedade sua, como se o poder, o prestígio e o intelecto fossem seus" [cf. crítica budista ao egocentrismo e ilusão de separatividade e permanência].

Um aspecto de suma importância para o aproveitamento clínico das ideias de Fromm está, vemos bem, na crítica do narcisismo, alçado por Freud a pilar da compreensão psicanalítica da emergência do "eu", do senso de personalidade una no indivíduo a princípio desorganizado e anárquico de pulsões fragmentárias. "A emergência do indivíduo da unidade regressiva é acompanhada pela gradativa superação do narcisismo. Para a criança logo após o nascimento não existe sequer a consciência da realidade fora de si mesma no sentido da percepção sensorial; ela, o mamilo materno e o seio materno são ainda uma coisa só; exaspera-se antes de se registrar entre o sujeito e o objeto. (...) faz-se mister o desenvolvimento da plena maturidade para sobrepujar a atitude narcisista da onisciência e da onipotência, no caso de ser essa fase alcançada algum dia. (...) A criança não aceita a realidade tal qual é, senão como ela quer que seja. Vive em função dos seus desejos e só vê na realidade o que deseja ver. Quando não se lhe satisfaz a vontade, enfurece-se, e a função da fúria é forçar o mundo (através do pai e da mãe) a corresponder à sua vontade. No desenvolvimento normal da criança, essa atitude se converte lentamente na atitude amadurecida de se dar conta da realidade e aceitá-la, aceitando-lhe as leis e, portanto, a necessidade. Na pessoa neurótica descobrimos invariavelmente que ela não chegou a esse ponto e não abriu mão da interpretação narcisista da realidade. (...) A noção de liberdade que tem essa pessoa, esteja ela ou não ciente disso, é uma noção de onipotência narcisista", diferentemente da liberdade para a pessoa madura, que "reconhece a realidade e suas leis e procede segundo as leis da necessidade, relacionando-se com o mundo de maneira produtiva, agarrando-o com os seus próprios poderes de pensamento e afeto".

O lugar intermédio de Fromm entre Freud e a psicologia positiva, a meu ver, passa então especialmente pela tensão entre o ideal de bem-estar e a crítica do narcisismo visto não só como disfunção individual, mas epidemia coletiva na sociedade capitalista, na qual otimismo e individualismo da "religião" norte-americana podem tanto ser o céu da prosperidade como o inferno da alienação, isolamento, adormecimento metafísico do homem (não por acaso o termo "Buda" significa o Iluminado ou o Desperto – das trevas da ilusão egocêntrica!).

Num momento mais técnico do artigo, Fromm se dedica a sofisticada elucidação (ou quiçá já uma tradução humanista) dos termos essenciais da "iluminação" psicanalítica: consciente, inconsciente e desrecale. Suas definições primam pelo esforço de desreificação: não mais compartimentos estanques, não mais "o" inconsciente e "o" consciente substantivos, mas qualidades funcionais, graus relativos de maior ou menor perceptividade do indivíduo sobre o que se passa em si mesmo. Inconsciente, vimos, não é um mero quarto de despejo das pulsões moralmente incompatíveis, é tudo o que, da ordem dos afetos, desejos, sensações, juízos, experiências interiores, pode estar inacessível à consciência num dado momento; consciência por sua vez, não se confundirá com o intelecto reflexivo, sendo antes a experiência desperta, em sentido amplo, para a realidade interna e externa, não separadas aliás noutra dicotomia habitual do sujeito cartesiano.

Interno e externo se misturam como na banda de Moebius lacaniana, mas isso Erich Fromm articula antes em termos de uma crítica freudo-marxista da "falsa consciência" enquanto expressão do caráter, sempre socialmente construído, superego limitador pelas crenças, palavras, critérios morais que impõe. O caráter social implantado no indivíduo lhe barra o acesso a percepções mais radicais sobre si mesmo e também sobre o humano em geral, que Fromm, de maneira quase religiosa, reputa como fundado em certa pré-noção obscura do Bem. Não há – Fromm parece dizer com os antigos – ação que não vise o Bem; nosso tropismo deontológico, isto é, nosso chamado interno de ser que não apenas é (isso que nos sujeita ao estudo ontológico), mas "deve ser" (impulso moral, passagem da mera ontologia à deontologia), é pelo Bem, nas vias tortas da consciência, tão mais tortas que o tropismo da flor pelo Sol, da abelha pelo Mel e do facínora pelo Mal, que todavia lhe é um (falso) Bem.

Tais alturas de nobreza evidentemente afastam Fromm de uma leitura mais rasa do desrecalque freudiano. E nos aproximam da mesma inclinação que confessei no início, a preferir falar em angústia da finitude como experiência mais radical que o medo sexista da castração e corolários no mínimo questionáveis (não só para uma militante feminista) como inveja do pênis etc.

O artigo nos ajuda a visualizar a clínica frommiana como próxima a Ferenczi quanto a certa mutualidade entre analista e analisante, sem a rigidez das regras ortodoxas do divã (p. 130; 132). "O analista só compreende o paciente na medida em que experimenta em si mesmo tudo o que o paciente experimenta; a não ser assim, terá apenas um conhecimento intelectual *acerca* do paciente, mas nunca saberá realmente o que o paciente experimenta", e portanto não será de valia nenhuma, como talvez eu tenha comprovado na carne, literalmente, nos anos em que me queixei de estar gordo e "ouvir" do silêncio do analista a inocuidade fantasiosa de desejos narcísicos que pouco importariam para a posição masculina (menos dependente de aparência física do que as mulheres) segundo as fórmulas da sexuação de Lacan... "O analista precisa converter-se no paciente, sem deixar de ser ele mesmo; precisa esquecer-se de que é médico e, ao mesmo tempo, ter a percepção de que o é. Só quando aceita este paradoxo [tão típico dos koans zen-budistas, e da lógica não-aristotélica, ou seja, não apegada ao princípio da identidade e do terceiro excluído, mas sim a conjunção dos opostos, do pensamento oriental, da alquimia e de Jung], pode dar 'interpretações' autorizadas, porque enraizadas em sua própria experiência. O analista analisa o paciente, mas o paciente também analisa o analista, porque este, partilhando do inconsciente daquele, não pode deixar de esclarecer o próprio inconsciente. Daí também que o analista não somente cura o paciente, mas é também curado por ele. Não somente compreende o paciente mas, afinal, é também compreendido por ele. Atingido esse estágio, atingem-se a solidariedade e a comunhão" (p. 131), porém sem concessões sentimentalistas, muito menos eróticas, ponto tão ressaltado por Freud em suas reflexões sobre o amor de transferência.

Fromm, ao meu ver, se mantém psicanalista – diferentemente de outro gênio mais rebelde, como Jung – justamente por essa preocupação de respaldar suas construções, mesmo as mais inovadoras, em chaves conceituais e heurísticas da tradição psicanalítica.

Ele nos faz ver que é possível amar Freud e prosseguir-lhe a obra mediante outros "retornos" que não o de Lacan. E, para especial satisfação minha, dada minha formação em ciências sociais e filosofia, ele encrava a questão social no âmago da psicanálise, não se restringindo a um debate pontual ou a "ensaios sociais" como os de Freud em *Totem e Tabu*, *Psicologia de Massas e Análise do Ego* ou *Mal-Estar na Civilização*. Por tudo isso, aponta caminhos de salvação profana, humanista, que desde já me salvaram de consequências estéreis para a crise existencial e teórica que todavia prossegue, atravancando ou impulsionando de modos *sui generis* minha aventura psicanalítica nesta excelente escola.